



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Junho

Nº 403

A dimensão religiosa da guerra

MSIA - [Silvia Palacios e Lorenzo Carrasco](#) - [Assuntos internacionais](#) - 10 de maio de 2022

Além das evidentes implicações militares e geoeconômicas, a guerra na Ucrânia incorpora um aspecto mais profundo, o cultural e espiritual, âmbito que tem prosperado na reconstrução da Rússia, acompanhando o seu renascimento cristão após a desintegração da União Soviética.

Desde o início do conflito, pela simples defesa dos valores cristãos, o Patriarca de Moscou e de todas as Rússias, Cirilo I, foi colocado no centro de uma feroz campanha internacional orquestrada por altos escalões do poder anglo-americano, em especial, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), também conhecido como a “ONU das Igrejas”, exigindo a expulsão do líder religioso da entidade. Incapaz de tomar medidas positivas para deter a guerra, a ONU caminha para a obsolescência e o mesmo pode ser dito do CMI.

Após a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1988, em vez de as potências ocidentais saudarem e colaborarem com um país emergindo pacificamente do comunismo, trataram de erguer outro muro, desta vez, projetado para conter a Rússia, tratando-a como um “posto de gasolina com armas nucleares”.

Sob a ótica do hegemonismo, isto significava que a designavam como uma mera fornecedora de matérias-primas, sobretudo de energia, obrigada a se render incondicionalmente às regras dos “valores europeus” crescentemente divorciados de suas raízes culturais cristãs.

Acatar a agenda LGBT, o neomalthusianismo e a ideologia de gênero, tornou-se o passaporte para a entrada na civilização europeia. Mas, apesar de essa ideologia distorcida estar entrincheirada nas sedes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da União Europeia (UE) em Bruxelas, ela não representa o sentimento profundo das nações do Velho

Continente, nem é compartilhada pela tradição russa, que brinda tributos muito específicos à pátria, à família e à religião.

Por isso, fazer do ressurgimento cultural e espiritual da nação eslava um objetivo nacional, evidentemente, entra em choque contra a apostasia europeia, confrontada publicamente em várias ocasiões pelo presidente Vladimir Putin e por outros membros de seu gabinete, bem como por grande parte da elite pensante do país.

O sentimento nacional que permeia a população russa foi expresso por Nikolai Patrushev, secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional da Rússia, em entrevista ao jornal oficial *Rossyiskaya Gazeta* de 29 de abril:

(...) Nesse sentido, a Rússia escolheu o caminho da proteção integral de sua soberania, defesa firme dos interesses nacionais, identidade cultural e espiritual, valores tradicionais e memória histórica. Nossos valores espirituais e morais nos permitem permanecer nós mesmos, ser honestos com nossos ancestrais, preservar o indivíduo, a sociedade e o Estado. Os europeus, por exemplo, fizeram uma escolha diferente. Eles adotaram os chamados valores liberais, embora na realidade sejam neoliberais. Promovem a prioridade do privado sobre o público, o individualismo que suprime o amor à Pátria e o desaparecimento gradual do Estado. Agora é óbvio que com tal doutrina, a Europa e a civilização europeia não têm futuro. Aparentemente, eles repetirão as lições que ainda não aprenderam.

O fenômeno histórico de negação de tão esplêndidas raízes é típico da decadência civilizacional e marca a distinção entre civilização e cultura. A Europa e os Estados Unidos são ricos e civilizados, mas com culturas decadentes, uma vez que cultura pressupõe o exercício de valores de transcendência, no entendimento de que não apenas a prosperidade e o progresso econômico – hoje em declínio – são as causas de felicidade.

Quando Putin ordenou o início das operações militares na Ucrânia, ele sabia, juntamente com a liderança político-militar e religiosa da Rússia, que estava “chutando a mesa” da ordem hegemônica euroatlântica, que converteu a Ucrânia, desde o golpe de Estado de 2014, em um aríete contra a segurança territorial russa.

Por outro lado, a maioria dos líderes europeus, figurantes de uma comédia bufa dirigida de Bruxelas e Washington, sabe que uma vitória russa na Ucrânia significaria o fim da utopia global alimentada desde o nascimento do *Establishment* anglo-americano, nas conferências de paz de Paris em 1919, no final da Primeira Guerra Mundial. Sem entrar no assunto, por enquanto, são conhecidas as consequências daqueles acordos para a Europa.

O Conselho Mundial de Igrejas

Anos mais tarde, aquela utopia de um governo mundial entrou em ação e, entre outras vertentes, em 1937, figuras prestigiosas do poder anglo-americano fundaram o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) para estimular o diálogo inter-religioso de uma maneira tão pálida que abriu a porta para uma vaga interpretação do ecumenismo necessário. Entre os seus fundadores, destacavam-se John Foster Dulles, futuro secretário de Estado dos EUA e um dos operadores da Guerra Fria, e o britânico Philip Kerr, Lorde Lothian, que rotulava o Estado soberano como uma “influência demoníaca” causadora de guerras e conflitos.

Desde então, o CMI tem se dedicado a promover e apoiar vigorosamente causas seculares compatíveis com um corpo doutrinário relativista, que beira o absurdo com a pós-modernidade, cujos objetivos são desestabilizar, subverter e desmembrar os Estados nacionais soberanos. Em essência, sua missão é consolidar estruturas de um governo mundial, já que o nacionalismo, segundo eles, tem sido a principal causa das guerras.

Não por acaso, na Europa, o termo nacionalismo tornou-se quase sinônimo de nazista e todos os que se opõem a essa agenda do "politicamente correto" são prontamente rotulados de ultradireitistas e outros epítetos insultuosos.

A ampla estrutura do CMI permite que ele seja um contribuinte valioso para a guerra cultural travada no mundo liberal ocidental para afogar a sociedade no hedonismo radical, desaparecimento da família natural, agenda "identitária", movimento "woke", transumanismo e outras pautas criadas pelas oligarquias transnacionais.

Inquisição contra o Patriarca Cirilo I

Em 7 de março, o Patriarca Cirilo I proferiu um contundente sermão que teve grande repercussão internacional, referindo-se ao fato de que a carta de admissão ao mundo liberal ocidental exige uma rendição a um sistema de convicções antípodas do cristianismo, cujas manifestações são saudadas com fanfarras, como nas manifestações do movimento LGBT+ e outras.

Outra homilia de Cirilo I, comentada no jornal AsiaNews em 27 de abril, exemplifica sua luta contra o que ele descreve como "contravalores" ocidentais. Na histórica Catedral da Assunção, dentro do Kremlin, ele convidou a população a se reunir em torno da "cidade de Moscou, centro de todas as Rússias", para se defender dos "centros de poder no exterior".

Segundo ele, o povo russo precisa redescobrir a sua união interior, "porque somente na unidade está a nossa força, e se mantivermos a fé de nossos pais em nossos corações, então, a Rússia será invencível". Acrescentou que "nem sempre a vitória é das armas, mas também a vitória do espírito, e muitos hoje gostariam que esse espírito desaparecesse".

Ele listou as táticas do inimigo que "espalha confusão, cria novos ídolos, chama a atenção para novos pseudovalores, para inverter a dimensão da consciência do homem, daquela vertical que une a Deus àquela horizontal, sobre a qual se implantam todas as demandas da carne humana".

Nada mais ilustrativo contra o papel desempenhado por Cirilo I e pela Igreja Ortodoxa do que dois artigos recentes publicados pelo jornal *Financial Times*, porta-voz da *City* de Londres, nas edições de 18 e 19 de abril. As respectivas manchetes, "A Igreja Ortodoxa Russa dá legitimidade à guerra de Vladimir Putin na Ucrânia" e "A 'guerra santa' do Kremlin contra a Ucrânia", traem o medo de que o exemplo de uma Rússia defensora dos valores cristãos se espalhe para outros países, entre eles a irredenta Hungria de Viktor Orbán. Alguns parágrafos dão uma ideia desse sentimento:

A ideia de uma "guerra santa" na Europa pode parecer um retrocesso aos séculos passados. No entanto, esta é, em essência, a maneira como a Igreja Ortodoxa Russa e seu chefe, o Patriarca Cirilo de Moscou, retrataram a invasão russa da Ucrânia.

Esse comportamento não apenas mostra como a Igreja e o Estado se entrelaçaram na Rússia de Vladimir Putin, mas também é importante entender as motivações para a Rússia de Moscou. Embora não faça parte formalmente dela, a Igreja Ortodoxa Russa se tornou um pilar de fato do regime autocrático de Putin.

A maioria das paróquias da Ucrânia optou por permanecer submetida ao Patriarca Cirilo mesmo depois de 2019 [quando houve a cisão da Igreja Ortodoxa ucraniana], cerca de 12.000, ou cerca de um terço de todas as paróquias sob controle de Moscou. Agora, muitos dos apoiadores clericais de Moscou na Ucrânia estão deixando o Patriarca Cirilo fora de suas orações.

Centenas de padres ucranianos que permanecem formalmente membros da Igreja de Moscou pediram que o Patriarca fosse julgado por um raro Tribunal da Igreja por abençoar a guerra.

Somando-se à onda inquisitorial, o *Financial Times* afirma:

"Lorde Rowan Williams, o ex-arcebispo de Canterbury, depois de visitar a Ucrânia, na segunda semana de abril, declarou que há um 'argumento forte' para expulsar a igreja russa do Conselho Mundial de Igrejas, a menos que o Patriarca Cirilo I condene o assassinato de membros de seu 'próprio rebanho'".

Lorde Rowan foi o líder espiritual da Comunhão Anglicana entre 2002 e 2012 e é famoso por suas simpatias às demandas do lobby LGBT dentro da Igreja Anglicana. Este e outros desvios aceleraram o colapso daquela instituição.

Por outro lado, incentivando o linchamento do Patriarca, em 7 de abril, o Parlamento Europeu condenou-o em um comunicado:

"O papel do Patriarca Cirilo I de Moscou, chefe da Igreja Ortodoxa Russa, é condenado por dar uma justificativa teológica para a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia; e elogia a coragem dos 300 sacerdotes da Igreja Ortodoxa Russa que assinaram uma carta condenando a agressão".

No mesmo sentido, nos Estados Unidos, todas as redes do CMI em fundações, igrejas e universidades, estão mobilizadas para sancionar o Patriarca. Por exemplo, o Instituto Dietrich Bonhoeffer de Washington alertou os seus afiliados, pedindo pressão para que na próxima assembléia do CMI, em setembro, a filiação da Igreja Ortodoxa Russa seja cancelada ou pelo menos suspensa indefinidamente, "porque Cirilo I persiste em justificar a agressão de Putin, ao denominar a invasão como uma cruzada religiosa".

Uma Nova Conferência de Helsinki

O agravamento da guerra e a ofensiva midiática contra a Rússia, Putin e Cirilo I, provocaram o cancelamento de um encontro que o patriarca teria com o Papa Francisco, que, mantendo a neutralidade, tem feito fortes apelos na busca de um sistema estável de paz. Nesse sentido, o secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pietro Parolin, propôs que no caminho da paz se deveria convocar imediatamente uma nova Conferência de Helsinki, com o objetivo de estabelecer uma comunidade de convivência e relaxamento na Europa.

Um artigo no jornal *Il Messaggero* de 29 de abril, sobre a apresentação do livro *Contra a guerra*, do Papa Francisco, afirma:

"Em relação à debatida questão do envio de armas, o secretário de Estado do Vaticano repetiu que as nações têm o 'direito de se defender contra a invasão sofrida', observando, no entanto, que apenas a esfera militar, sem perseverar na frente diplomática, é como um fim sem esperança. 'Só estou dizendo que limitar-se às armas é uma resposta fraca'".

Em entrevista à Catholic News Agency, Parolin afirmou que Kiev tem o direito "legítimo" de defesa, mas que o envio de armas à Ucrânia pode desencadear uma escalada "terrível":

"A comunidade internacional quer evitar a escalada e até agora ninguém interveio diretamente. Mas vejo que muitos estão enviando armas e isto é algo terrível em que pensar, inclusive se o princípio de autodefesa continua válido".

Além disso, fez um forte apelo aos líderes europeus, para que abandonem a letargia que os liga ao destino traçado por Washington e pela OTAN e avancem significativamente em favor da paz:

"Deixar o esquema de guerra e assumir o esquema de paz significa fortalecer a participação nas organizações internacionais e, também, redescobrir uma maior capacidade de iniciativa europeia. A guerra em curso na Ucrânia é terrível, no coração da Europa e na Europa cristã".

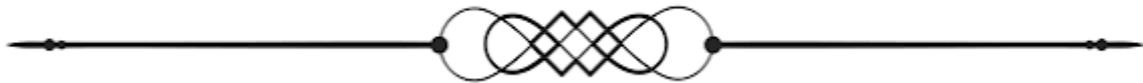
Essa guerra, disse ele, “foi o resultado de um processo criado nas últimas décadas”. E, ***“quando falávamos sobre a erosão do multilateralismo, e cada um tentava resolver os problemas para os interesses de grupo, era lógico que iríamos para uma terceira guerra mundial em pedaços”.***

Parolin reiterou:

Precisamos do espírito que o então primeiro-ministro [italiano] Aldo Moro interpretou em Helsinki em 1975, indo além da lógica dos bloqueios e envolvendo todas as nações. Durante essa Conferência para a Segurança e a Cooperação na Europa Oriental e Ocidental, se uniram no caminho da distensão e, a este propósito, permitam-me recordar o papel então desempenhado pela Santa Sé e pela delegação chefiada pelo futuro cardeal Agostino Casaroli. A paz redundava no interesse do povo, a segurança internacional redundava no interesse de todos. Hoje, precisamos redescobrir esse espírito, precisamos de uma nova Conferência de Helsinki.

Recorde-se que, na época, o Pontífice era Paulo VI, que anos antes tinha apresentado ao mundo a sua profética encíclica *Populorum Progressio – desenvolvimento, o novo nome de paz* (1967).

Nesse sentido religioso-cultural, o Papa e o Patriarca de Moscou são as figuras-chave para se promover efetivamente uma paz duradoura e um novo impulso para o “bem comum europeu”, que pode acabar por ajudar a Igreja Romana na sua luta contra o perigo de um cisma de identidade na Europa.



Integração de novos Membros-Efetivos na AHIMTB/RS

Em 25 de maio passado, a partir das 1700 h, no Auditório do Museu Militar do CMS, a AHIMTB/RS teve a grata satisfação de receber três novos integrantes.

Foram os seguintes, na ordem alfabética:

- Coronel Aviador JORGE LUIZ SCHWERZ, natural de Tucunduva, RS, da turma de 1990 da Academia da Força Aérea (AFA). Serviu na 2ª ELO e como instrutor de voo no 1º/5º Grupo de Aviação. Possui Mestrado em Guerra Eletrônica do ITA, serviu no EMA, foi Sub Cmt da Base Aérea de São Paulo, Gerente de Projetos Estratégicos da FAB e Adido de Defesa e Aeronáutica na França e na Bélgica. Medalhas: Ouro, Santos Dumont, do Expedicionário e OMA. No youtube dirige o canal AO BOM COMBATE (Foto a seguir).



- Dr. JORGE ROBERTO CUNHA DE OLIVEIRA, natural de Porto Alegre, advogado, ex-professor universitário, biógrafo do Visconde de Jequitinhonha, acadêmico da Academia Maçônica de Letras, atuante destacado junto ao CMPA e AACV (fundador), trabalhou no TRT/4ª Região, conselheiro da LDN, rotariano, um dos fundadores da Trensurb. Filho do Cel Veterinário do EB Jorge Alencastro de Oliveira, já falecido. Medalhas: Cruz do Mérito Cívico, 2º Centenário de Nascimento de José Bonifácio, Amigo do CMPA e Centenário do CMPA. Conhecido como “Jorge Tranquilo”.



- Cel Inf e EM José Carlos Pöppel Filho, residente em Pelotas, turma de 1976 da AMAN, nascido em São Borja, RS, foi Cmt do 9º BIMtz (Pelotas), cursou o CPEAEx, graduado em História (licenciatura) na UFPel. Autor de vários trabalhos de História Regional e do Brasil.



IMAGENS DO EVENTO



Início





Cel Schwerz, recebendo o Termo de Posse do Gen Padilha.

E o distintivo de lapela por meio da esposa Sra. Daniele





Dr. Jorge, recebendo o Termo de Posse das mãos do Dr. Ivan Castro de Souza.

E o distintivo de lapela da esposa, Sra. Sílvia Patrícia.



Cel Ílio, Diretor do
Museu dirigindo-se
aos presentes



No prosseguimento, reunimo-nos no térreo do Museu, para confraternizar. Imagens
abaixo. A próxima reunião será no dia 29 de junho.





Coronéis Caminha, Schwerz e esposa
dona Daniele.

Quem já ouviu falar do MANDATO DO CÉU?

(<https://artsandculture.google.com>)

O Mandato do Céu é um conceito filosófico chinês tradicional a respeito da legalidade dos líderes.

Segundo este conceito, o céu abençoaria a autoridade de um líder justo, mas ficaria desgostoso com um líder despótico e retiraria seu mandato.

O mandato do céu, então, se transferiria para aqueles que governassem melhor.

O mandato do céu não tem nenhuma limitação de tempo, dependendo do desempenho justo do dirigente que, supostamente, o possuía.

O mandato não exige que um líder legítimo seja de nascimento nobre, e de fato, as dinastias foram fundadas frequentemente por pessoas de nascimento modesto.

O conceito do mandato do céu foi usado primeiramente para justificar a autoridade dos reis da dinastia Zhou e mais tarde dos imperadores da China.

O "mandato do céu" é, também, o primeiro nome de era da dinastia Qing.

Assim como o Culto à Deus ocupa uma posição central na religião chinesa antiga, o Mandato do Céu constitui a preocupação central de Confúcio.

No plano existencial, nada se faz sem o Mandato e nada se faz fora do Mandato. O homem não pode realizar-se sem conhecer e cumprir a Vontade de Deus.

Dado que o Culto a Deus é exclusivo do Imperador, o Mandato do Céu é a forma com que o letrado confuciano glorifica a Deus. Disse Confúcio:

Abençoar significa ajudar. O céu ajuda ao homem de devoção; os homens ajudam a quem é sincero. Aquele que caminha na verdade e pensa com devoção, reverenciando ainda aos homens dignos, é abençoado pelo céu. Ele encontra a boa fortuna e tudo lhe é favorável.

Na antiga China, no tempo em que os homens respeitavam a natureza e suas mudanças, um Rei se tornava Rei porque recebia o Mandato do Céu, e isso significava que todas suas decisões eram coroadas de sucesso e levavam seu povo a abundância, a vida pacífica e cheia de felicidade.

Quando alguma decisão do governante trazia tragédias, falta de alimentos, guerras ou doenças e pragas, esse Rei perdia o mandato e o trono e era substituído por outro que fizesse o povo retornar aos momentos bons que conheceram um dia.

(<https://healing-tao.com.br/o-mestre-yi-e-o-mandato-do-ceu/>)

Nota do Editor: estarão os atuais líderes chineses governando dentro dos parâmetros do Mandato do Céu?



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>